

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Breno Araújo Souza

CLARA NUNES: BRASILIDADE E NEGRITUDE EM SÍNCOPE

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes

Juiz de Fora
2024

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, Breno Araújo Souza, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201973134A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **CLARA NUNES: BRASILIDADE E NEGRITUDE EM SÍNCOPE**, desenvolvido durante o período de julho de 2024 a setembro de 2024 sob a orientação de DMITRI CERBONCINI FERNANDES, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Breno Araújo Souza

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

CLARA NUNES: BRASILIDADE E NEGRITUDE EM SÍNCOPE

Breno Araújo Souza¹

RESUMO

Uma das maiores cantoras da música popular brasileira, Clara Nunes é reconhecida pelo seu talento vocal e pela sua forte ligação com as raízes da cultura afro-brasileira. Em suas canções e performances, a artista retratou a brasilidade e a negritude de forma única e marcante, abordando questões como a diversidade cultural do país, o resgate e a valorização da herança africana na formação da identidade nacional. A ligação de Clara com a cultura popular brasileira, desde a infância, traz uma reflexão acerca dessa diversidade, passando pelo trabalho, pela religião, pela arte e pela cultura.

Neste artigo, pretendemos explorar as noções de brasilidade e negritude presentes nas letras das músicas, nas performances e na vida pessoal de Clara Nunes, analisando a maneira como a cantora se utilizou de elementos sonoros, poéticos e estéticos para transmitir mensagens de resistência, inclusão e empoderamento. Além disso, buscamos destacar a importância do seu legado artístico para a construção de uma consciência racial, cultural e política mais ampla e inclusiva no Brasil contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Clara Nunes. Brasilidade. Negritude. Cultura Popular Brasileira. Identidade Nacional.

1. INTRODUÇÃO

Clara Nunes, ao gravar composições de diversos músicos e compositores, com diferentes nichos, se provou absoluta (FERNANDES, 2007). Sua vida e obra evidenciam um arranjo social que leva a refletir para além da pura estratégia mercadológica em que esteve constantemente envolvida. Não podemos negar que era esse seu objetivo. Porém, a mistura de sua autenticidade e singularidade dá forma ao desvelo que nos leva a refletir a respeito da realidade do próprio povo brasileiro e da identidade nacional.

Neste contexto, a partir de uma análise bibliográfica e da abordagem histórica do contexto social, político e artístico no Brasil àquela época este artigo pretende evidenciar que, os caminhos adotados por Clara, perpassam pela caracterização não só de um pensamento social mas também de uma análise comportamental da artista, que se fez mais próxima, que distante de seu público. As seções aqui dispostas buscam, além de contextualizar parte da vida da cantora, relacionar essa vivência com a própria história do povo e do Brasil em um contexto de repressão causado pela ditadura militar.

Ao consultar o legado de Clara e relacioná-lo com o contexto social, podemos perceber as múltiplas variações existentes dentro da cultura brasileira, afixada especialmente, pelas três raças formadoras, majoritariamente, do povo brasileiro: negros, brancos e indígenas.

Havia uma imparcialidade política por parte de Clara, o que a levou a se afastar do movimento tropicalista e chegando a se aproximar, por um tempo, da Jovem Guarda. Para ela, que não tinha o apoio e nem a realidade de uma família abastada era melhor se resignar do que enfrentar a repressão imposta pela ditadura militar brasileira. Porém, sua obra se liga intimamente à realidade da sociedade brasileira, casando a música com um tom político nem tão velado assim. Ela ousou adorar seus deuses explicitamente em um país comandado por ditadores majoritariamente cristãos. Clara Nunes teve a coragem de ser um ato político e social, ainda que não tivesse essa consciência ou intenção. Representou a almejada democracia, de forma intrínseca, trivial e singular. Trouxe à tona a ancestralidade da qual os brasileiros vêm mas que costumam negar em razão do próprio racismo estrutural existente na sociedade brasileira.

A partir dessa conjuntura este artigo propõe ressignificar e expandir a forma com que a vida e obra de Clara é entendida por seus ouvintes e admiradores. É uma tentativa de aprofundar e relacionar as questões culturais, sociais, religiosas e políticas, através de uma bibliografia que une a música, a cultura e a arte ao povo e às mazelas sociais e políticas de um Estado estruturalmente racista.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: breno.araujo@estudante.ufff.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Dmitri Cerboncini Fernandes.

Contudo, ainda que fosse branca, Clara proporcionou um olhar entendedor a despeito de quem construiu esse país, não só cantando mas vivendo na pele, desde seu primeiro trabalho na fábrica de tecidos, até sua última ida ao terreiro, passando antes pela alegria do Carnaval, alívio de uma sociedade injustiçada pelo imperialismo e pelo capitalismo predatórios.

2. O SABIÁ VOOU

Em 12 de Agosto de 1942, nascia, no antigo distrito de Cedro, atual Caetanópolis, Estado de Minas Gerais, Clara Francisca Gonçalves. Clara Nunes, estirpe artística de quem viria a ser uma das maiores cantoras da música popular brasileira, chegou à vida inserida na típica simplicidade interiorana das Gerais. Filha de um operário-lavrador e de uma dona de casa, Clara era a caçula de 7 irmãos (FERNANDES, 2007). Com a morte dos pais, quando Clara era ainda criança, passou a ser criada pelos irmãos mais velhos, que assumiram o comando e a criação daquela humilde família (FERNANDES, 2007).

O contexto familiar em que Clara (sobre)viveu impactaria em grande parte, toda a vida e a carreira artística da cantora que, mesmo com toda sua autenticidade, fazia questão de levar os valores que vieram de berço. Após uma desavença entre seu irmão mais velho e seu “namorado”, o que resultou na morte deste último, Clara se muda para a capital mineira (FERNANDES, 2007), sem imaginar o futuro que a esperava. Clara herdou do pai, Manoel Pereira de Araújo, o dom e espírito artístico, proveniente da Folia de Reis (BRÜGGER, 2008). Já em Belo Horizonte, tinha um sonho: ser cantora (FERNANDES, 2007).

Clara trabalhou como operária-tecelã em fábricas de tecelagem, tanto em Cedro, quanto na capital mineira. Em Belo Horizonte, trabalhou na fábrica de tecidos Companhia Renascença Industrial, onde era habitual a promoção de atividades de lazer aos seus funcionários (FERNANDES, 2007). A fábrica ficava em um bairro homônimo, o bairro da Renascença, que coincidentemente, veio a calhar com a situação de vida da cantora: o seu próprio renascimento, de uma simples operária-tecelã para uma grande carreira artística.

Na capital, Clara intensifica seu contato com a música e com pessoas ligadas ao meio artístico, como seu então namorado, Aurino Araújo, com quem se mudou, posteriormente, para o Rio de Janeiro. Após participar das ações promovidas pela fábrica, das quermesses da igreja da Renascença e do concurso A Voz de Ouro do ABC em São Paulo, Clara começa a receber convites para cantar nas rádios em bares da capital mineira e participar de programas de TV, além de participar de outros concursos e festivais de música. Sua carreira começava. (FERNANDES, 2007).

Depois de assinar o contrato com a gravadora Odeon Records e se mudar para o Rio de Janeiro, Clara vê as oportunidades surgindo aos poucos, ainda que tenha fracassado no início da carreira mas a situação se reverteria de forma inimaginável. Seu deslanchar acontece com a chegada de Adelzon Alves, com quem manteve um relacionamento durante alguns anos e firmou uma parceria na produção dos trabalhos. Adelzon reconstruiu a imagem artística de Clara, a aproximando do resgate do som afro-brasileiro e intensificou os trabalhos da cantora especialmente, no mundo do samba, o que se intensificou, ainda mais, após Clara conhecer a Portela.

Logo após romper a união com Adelzon, Clara se casa com o compositor Paulo César Pinheiro, que passou a administrar a carreira da cantora. Após mais alguns anos de sucessos, com Paulo à frente da produção, Clara brincou no Carnaval pela última vez e faleceu em Abril de 1983 (FERNANDES, 2007) em decorrência de uma mal sucedida cirurgia estética (FERNANDES, 2010), nas varizes.

Clara foi e ainda é, um ponto fora da curva. Não somente pelo trabalho que apresentou mas pela personalidade que desenvolveu e pela forma com que lidou com a vida e com o mundo.

2.1. BRASILIDADE EM SÍNCOPE

Clara Nunes tinha um talento vocal marcante. Quebrando um recorde, até então, só alcançado por homens, Clara foi a primeira mulher a vender mais de 100 mil discos na história da música brasileira. Superou outras mulheres artistas de renome nacional, como Gal Costa, Maria Bethânia e Elis Regina (FERNANDES, 2007). Reconhecida pela sua forte ligação com as raízes da cultura afro-brasileira, seu canto perpassa por diversos compositores da música popular brasileira, de Candeia à Chico Buarque, passando por Adoniran Barbosa (FERNANDES, 2010).

O talento do sabiá, um dos apelidos mais marcantes de Clara (FERNANDES, 2007), não estava somente em sua potência e versatilidade vocal ela também “possuía um potencial intelectual nato, uma capacidade de raciocínio e articulação verbal ímpares” (FERNANDES, 2007 p. 91). Em suas interpretações em suas indumentárias em sua maneira de se portar no palco em sua religiosidade e também, até mesmo, na vida pessoal,

Clara Nunes evidenciou a diversidade cultural brasileira, se tornando a voz das classes desvalorizadas no universo fonográfico, apesar da estratégia mercadológica que marcara sua carreira.

A intérprete se definia como “cantora popular brasileira” (Clara Nunes *apud* FERNANDES, 2007, p. 197) e, como uma boa cantora popular, celebrou as manifestações artísticas e folclóricas de diferentes regiões do país. Era apaixonada pela Bahia. Sobretudo, destaca-se o Carnaval carioca e o Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, uma das grandes paixões de Clara (FERNANDES, 2007), que lhe foi apresentada, inicialmente por Natal da Portela. Apesar de ter, primeiro, conhecido a quadra da Mangueira, foi a Portela que “ganhou o coração de Clara” (FERNANDES, 2007, p. 98). Ali, foi recebida com honra.

Ao conhecer a Velha Guarda da Portela, Clara se encanta e se identifica, como registrado por Fernandes:

Clara mergulhou naquele universo especial, de pessoas de origem humilde como ela. Foi identificação imediata. Anos antes, havia sido recebida por Natal [da Portela] na primeira vez em que pisou na quadra da Portela. Agora, novamente abraçada pela Velha Guarda da escola como uma filha. Retribuiu à altura. De filha passou a madrinha. A divulgação da Portela e seus baluartes ganharia destaque em toda a sua trajetória artística. (FERNANDES, 2007, p. 127)

Assim como para muitos brasileiros, para Clara, a máxima de que “o ano só começa depois do Carnaval” também era válida. A maior festa popular do Brasil também era sua fonte de renovação anual de força e energia. Ela amava desfilar na Portela e participar do Clube do Samba: “Desfilar pela Portela era algo, para ela, de uma significância somente comparada ao prazer de subir em um palco. Era um ritual, quase que sagrado.” (FERNANDES, 2007, p. 193). Clara só veria a Portela ser campeã apenas uma vez em toda a sua vida (FERNANDES, 2007) em 1980. Em seu último desfile em 1983, devido ao sucesso estrondoso que fazia na época, foi “Coroada como uma rainha” (FERNANDES, 2007, p. 254) pelo público na Marquês de Sapucaí. Em 2019, Clara “retornou” à passarela do samba como a grande homenageada pelo enredo da Portela para aquele ano. Os versos samba-enredo trouxeram lembranças sobre a vida e a passagem de Clara pela escola de samba. Composto por Araguaci et al, seu refrão diz: “nossas estrelas no céu estão em festa/ lá vem Portela com as bênçãos de Oxalá/ no canto de um Sabiá, sambando até de manhã/ sou Clara Guerreira, a filha de Ogum com lansã”.

Os ritmos e melodias incorporados em suas canções, com origem afro-brasileira, como o samba (este o mais presente), o maracatu e o candomblé, ressaltam a riqueza plural da cultura brasileira. Em canções como “O Canto das Três Raças” e “Brasil Mestiço”, composições de Paulo César Pinheiro, seu esposo e Mauro Duarte, Clara exaltou a miscigenação racial e a influência da cultura africana na formação da identidade nacional, promovendo, ainda, uma profunda reflexão sobre a importância em se valorizar e se preservar as tradições da ancestralidade.

De maneira autêntica e genuína, as canções interpretadas por Clara representam muito das características culturais e a própria realidade do povo brasileiro. Ao abordar temas como a religiosidade, a diversidade cultural, a igualdade e a luta por justiça social ela consegue se ligar com a música popular brasileira em especial, com o samba e outros gêneros musicais representativos das raízes e da identidade do povo: “Clara não titubeava quando o assunto era a preservação da memória da música brasileira.” (FERNANDES, 2007, p. 211).

Para Clara, “o povo é tudo” (Clara Nunes *apud* Brugger, 2008, p. 201). Essa ideia é reforçada nas palavras de Brugger:

Ser brasileiro, portanto, na obra de Clara Nunes é ser popular, é buscar a identificação com o povo. Por isso, “o povo é tudo”. Mas este povo não é uno. É ele que produz as riquezas da cultura e da música popular. Mas também é ele quem desconhece esta mesma riqueza e consome música estrangeira. Claro está que se trata de parcelas diferentes deste povo e que cabe ao artista, no caso, a clara, tentar estabelecer a ligação entre estas partes. (BRÜGGER, 2008, p. 201)

Sua voz tinha a capacidade de transmitir a emoção e a força das histórias e dos sentimentos. O ressoar de sua interpretação com a vivência e a realidade do público se dava a partir, não só das letras de fé esperança, alegria e tristeza mas, também, pela forma com que Clara performava e lidava com o próprio público. Brugger (2008, p. 203) afirma que: “O canto é uma arma na luta contra o açoite e a tirania. É uma fonte de alento e esperança para aliviar a dor da intérprete e do povo.”. Portanto essas canções não devem ser vistas apenas como

Era forte a ligação das canções com a religiosidade afro-brasileira em especial o candomblé e a umbanda. Clara não só exaltava os orixás, os santos e os ritos dessas tradições religiosas, como também as realizava na prática pessoal, de forma múltipla, segundo Fernandes (2007):

Clara se dizia umbandista mas sua ligação com os cultos afros era tão forte e singular que, por várias vezes ela própria se via confusa diante da definição de sua religiosidade. Vinha do kardecismo, denominava-se umbandista mas flertava com o candomblé. Clara era tudo. Era uma espiritualista por natureza. Acreditava no poder dos orixás mas não deixava de lado as orações do catolicismo. Também gostava de ir a missas. Clara era um caldeirão espiritual. Era a legítima brasileira, absolutamente sincrética, que batia cabeça e cantava ponto em terreiro, acendia vela para as almas, tomava passe no centro de mesa branca, comungava em igreja católica e se ajoelhava para rezar o Pai-Nosso ou Ave-Maria diante da imagem de Nossa Senhora. (FERNANDES, 2007, p. 119).

Desde a adolescência era adepta à ideia de que “todos os caminhos levam a Deus” (FERNANDES, 2007). Essa experiência pessoal da própria cantora, contribuiu muito para a valorização e a divulgação da cultura afro-brasileira e, ainda mais, para a aproximação e o diálogo intercultural dessas religiões. Na ocasião da benção do Teatro Clara Nunes, um investimento que ela fez, já no Rio de Janeiro ela conta:

Tenho devoção por Oxalá no candomblé, que, no catolicismo, é representado pela figura de Jesus Cristo, o pai maior. É nele que eu creio. [...] Não importa se o teatro é batizado por um padre ou um pai de santo. O importante é que foi abençoado por Oxalá”. (Clara Nunes apud FERNANDES, 2007, p. 119)

Seu biógrafo complementa sua fala logo em seguida, ao afirmar que “se partirmos do princípio propagado pela igreja católica de que Cristo é nosso pai, a declaração fazia, de fato, sentido.” (FERNANDES, 2007 p. 195).

Clara foi apresentada à umbanda no Rio por uma prostituta da região de Copacabana (FERNANDES, 2007). Interessante pensar, por exemplo, a umbanda, como a religião que mescla as três raças principais que formam o povo brasileiro. A umbanda consegue colocar em um mesmo balaio o catolicismo, o kardecismo, o candomblé e características das religiões de matriz indígena. Poderia ser a religião que melhor define essa mestiçagem do povo brasileiro. Clara encarnou essa hipótese e provou que, apesar de múltipla essa espiritualidade sincrética, também é única e característica do próprio povo.

2.3. NEGRITUDE EM SÍNCOPE

Para além da brasilidade, Clara também aborda em suas interpretações, questões acerca da negritude brasileira, contribuindo para o processo de empretecimento do samba (FERNANDES, 2014). Seu biógrafo relata que “Havia algum tempo ela já martelava a ideia de enveredar pelo caminho do resgate da sonoridade afro-brasileira” (FERNANDES, 2007, p. 114). O processo de “africanização” de Clara Nunes, “reconstruída” por Adelson Alves então namorado da cantora, também foi um agente que contribuiu na identificação do samba como uma arte originalmente negra e africana naquele período dos anos de 1970. As indumentárias usadas pela cantora reforçam como esse arranjo foi gerado. De acordo com Fernandes (2014):

[...] o período era propício à feitura de composições que aproveitavam os versos para entabular defesas e discussões sobre o elemento negro na sociedade brasileira. Surgem a borbotões pérolas de Candeia, Nei Lopes, Wilson Moreira, Dona Ivone Lara, Martinho da Vila, dentre tantos outros nessa esteira. Muitos desses compositores alimentavam os álbuns de Clara Nunes, uma das maiores vendedoras de fins da década de 1970 e início da de 1980 que se apresentava portando indumentárias e apetrechos característicos das religiões afro-brasileiras. (FERNANDES, 2014, p. 146)

A ideia era tornar Clara a sucessora de Carmen Miranda (FERNANDES, 2007). E daria tão certo que Clara tomou “uma posição bem definida dentro das raízes da cultura popular brasileira” (FERNANDES, 2007, p. 119).

A intérprete em canções como “O Mar Serenou”, composição de Candeia e “Feira de Mangaio”, composição de Sivuca e Glorinha Gadêlha, destaca a resistência e a força da comunidade negra diante das adversidades, dando a devida importância ao reconhecer e valorizar a contribuição forçada do povo afrodescendente para o desenvolvimento do país. Sua voz potente e emotiva retratou as injustiças e desigualdades enfrentadas pela população negra, o que, infelizmente, perdura até os dias de hoje. Clara inspira em suas interpretações, as gerações de brasileiros em prol da luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Importa destacar que a obra de Clara transcende o universo musical. As suas canções podem ser vistas como um símbolo de resistência e empoderamento para o povo negro e para todos os que se identificam com a luta antirracista e a exclusão social. As letras dessas canções, para além da própria interpretação, promovem a valorização da cultura afro-brasileira, o que contribui para a construção de uma identidade nacional mais inclusiva e plural. Seu biógrafo relata esse lado de Clara:

Clara reunia mesmo muitas qualidades. A capacidade de lutar pelos seus ideais, de fazer valer seus direitos, é incontestável. Acreditava no amor, nos amigos, no seu canto como instrumento de conciliação, na sua arte como veículo de transformação social, ainda que não gostasse de se envolver em polémicas. Era uma mulher sonhadora mas sonhava com tudo aquilo que poderia ser aplicado de forma concreta. Não eram delírios. Não eram sonhos do plano do irrealizável, de caráter utópico, distante. Por mais difíceis que se lhe apresentassem ela trataria de convertê-los em realidade. Clara tinha senso prático. Guerreava porque acreditava em uma sociedade mais justa, menos sectária, menos chocante. (FERNANDES, 2007, p. 212)

É natural que ela apoiasse a iniciativa de Candeia em fundar o Grêmio Recreativo de Arte Negra Escola de Samba Quilombo, uma tentativa do sambista de reviver a tradição das escolas de samba, se afastando do contexto comercial que se engendrava, cada vez mais, nas outras agremiações (FERNANDES, 2014). O despertar para esse reavivamento da ancestralidade foi descrito também por Fernandes (2007, p. 212): “Candeia era a voz ativa do GRANES, um homem que, assim como Clara, acreditava na pesquisa de nossas raízes, no patrimônio cultural legado pelos negros à sociedade brasileira.”

Em um contexto social marcado pela intolerância e pelo racismo estrutural, reforçados pelo contexto da ditadura militar ultradireitista no comando do governo à época, as mensagens transmitidas nas letras das canções de Clara ressoavam e continuam a ressoar, de forma profunda e impactante, levando à reflexão acerca da defesa da igualdade de direitos e do respeito à diversidade cultural, como retratado em seu 12º LP, de nome Esperança (FERNANDES, 2007), onde abordou abertamente sobre uma temática de cunho mais político-social.

Sua voz singular e sua postura estudada e construída (Clara esteve três vezes na África), transbordam um legado precioso e atemporal e nos convida a refletir sobre as questões envolvendo a negritude brasileira e a reconhecer a importância da valorização e da preservação da diversidade como um dos pilares fundamentais e formadores da própria identidade nacional.

2.3.1 UMA INFLUÊNCIA IDEOLÓGICA

Nesta seção, cabe analisar um pouco da influência socialista do produtor Adelzon Alves na carreira de Clara Nunes e relacioná-la com a ideia envolta à realidade social do povo negro, dentro da proposta artística que fez Clara disparar na música especialmente entre os anos 60-70.

Adelzon, com quem Clara manteve um relacionamento durante alguns anos, foi também seu produtor. Para se tornar a herdeira de Carmen Miranda e uma representante da cultura afro-brasileira e da igualdade social, a proposta trazida por Adelzon ligaria Clara ao íntimo do público mais desfavorecido, como relatado por Brügger (2008, p. 198): “[...] Adelzon forma sua consciência socialista e, de certa forma, o que ele projetará como carreira para Clara traz a marca desta perspectiva dos anos 60, da busca de uma autenticidade do ‘povo brasileiro’, capaz de inspirar um Brasil novo, sem as mazelas da sociedade urbana capitalista”.

Com uma história de vida em um passado proletário (FERNANDES, 2010), Clara tinha a “possibilidade de identificação imediata com as camadas inferiores, o que seria bem trabalhado por Adelzon” (FERNANDES, 2010, p. 265). Para além desta influência dentro da carreira, a vida social de Clara era marcada por visitas à quadra da Portela e à terreiros de umbanda e candomblé, além das visitas à África, o que intensificaria esta influência e o próprio despertar político de Clara para essas classes sociais, o qual se intensificou após o fim do relacionamento entre ambos.

Responsável por lançar a cantora no mercado musical, Adelzon colocaria interpretações com visões mais políticas, abordando temáticas em torno da luta contra o preconceito racial, a valorização e o resgate da cultura afro e a defesa dos direitos humanos, disseminando mensagens sociais através da música, reforçando o entendimento de Brügger (2008, p.200): “o sucesso da construção deste projeto de carreira associada a uma imagem afro-brasileira se deve ao encontro da formação socialista de Adelzon com uma bagagem cultural popular de Clara.”

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As hipóteses aqui levantadas nos convidam à refletir e colocar as letras dessas composições, seus compositores e a própria vida de Clara em um lugar onde, o resgate das ideias da formação popular, religiosa e artística do Brasil, se fazem necessários no debate para a compreensão do pensamento social brasileiro, saindo da esfera dos autores academicistas e adentrando uma realidade mais popular e cultural.

As noções de brasilidade e negritude presentes na vida e obra da cantora Clara Nunes representam um testemunho vivo, ao mesmo tempo, da riqueza e da complexidade da cultura e da própria sociedade brasileira. Aqui se evidencia a importância de reconhecer e valorizar a nossa diversidade como um elemento essencial na construção de uma identidade nacional que seja, cada vez mais, inclusiva, plural e respeitosa.

Através de sua singularidade pessoal, da sua música e de sua voz poderosa e única, Clara Nunes deixou um legado de resistência e emancipação, de determinação com leveza, que se espera inspirar e mobilizar não somente a classe artística mas toda uma geração futura nas lutas em prol da igualdade e da justiça social especialmente, pelo grosso tecido social dos brasileiros mais desfavorecidos, que, apesar de todas as dificuldades, resistem e almejam a força e a esperança de vencer, assim como Clara venceu um dia.

REFERÊNCIAS

BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. Clara Nunes: uma cantora popular. *In: XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, 2009.

BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. “O povo é tudo!”: uma análise da carreira e da obra da cantora Clara Nunes. *ArtCultura*, Uberlândia: v. 10, n17, pp. 191-204, jul.-dez., 2008.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini. A negra essencialização do samba. *Luso-Brasilian Review*, Madison: v. 51, n. 1, pp. 132-156, 2014.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini. A Rainha Quelé: raízes do empretecimento do samba. *História: Questões e Debates*, Curitiba: v. 63, n. 02, pp. 131-160, jul.-dez., 2015.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini. III - “Meu mundo é hoje” - o samba e o choro nas engrenagens da contemporaneidade. *In: A Inteligência da Música Popular: a “autenticidade” no samba e no choro*. Orientador: Prof. Dr. Sérgio Miceli Pessôa de Barros. 2010. Tese de doutorado (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. pp. 246-286.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini; PULICI, Carolina. Gosto musical e pertencimento social: o caso do samba e do choro no Rio de Janeiro e em São Paulo. *Tempo Social*, São Paulo: v. 28, n 02, pp. 131-159, ago., 2016.

FERNANDES, Vagner. **Clara Nunes: guerreira da utopia**. Rio de Janeiro, Ediouro: 2007.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.